

## Da espera sem fim à ação política: a/há esperança na cidade?

Eliana Kuster (Professora Titular do Instituto Federal do Espírito Santo, realiza seu Pós-doutorado no IPPUR/Universidade Federal do Rio de Janeiro)  
Stephanie Assaf (Professora Associada no Centro Universitário UNA; doutoranda IPPUR/Universidade Federal do Rio de Janeiro)

### RESUMO GERAL

#### Esperança – Mário Quintana

Lá bem no alto do décimo segundo andar do Ano Vive uma louca chamada Esperança  
E ela pensa que quando todas as sirenas. Todas as buzinas. Todos os reco-recos tocarem.  
Atira-se  
E — ó delicioso voo!  
Ela será encontrada miraculosamente incólume na calçada, Outra vez criança...  
E em torno dela indagará o povo: — Como é teu nome, meninazinha de olhos verdes?  
E ela lhes dirá (É preciso dizer-lhes tudo de novo!) Ela lhes dirá bem devagarinho, para que não esqueçam:  
— O meu nome é ES-PE-RAN-ÇA...

O poema acima nos traz o tema central desse XIX ENANPUR que é a questão da esperança, logo, nos indagamos sobre o que se pode esperar da cidade e na cidade, e se a esperança ainda habita nossas cidades. Sendo a esperança um pacto entre o presente e o futuro, podemos hoje pensar nossas cidades a partir dela? Se a esperança é, de forma geral, a espera por algum bem, qual seria sua função na ação política, e, logo, na ação na cidade? A esperança nos movimenta, ou a esperança nos paralisa?

Em estudo feito com uma coleção de aproximadamente setecentas canções da música popular brasileira, as palavras associadas com cargas valorativas positivas, tais como esperança, apareceram em quase metade das músicas contabilizadas. Independente da frequência, a esperança é presente nos cotidianos e nas construções imaginárias relativas ao futuro. Seja cantada, seja vivenciada, a esperança é uma das substâncias fundamentais que movimentam desejos, afetos humanos e, por consequente, as cidades.

Assim, nesta mesa abordaremos, junto com a esperança, diversas dimensões dos desejos na cidade. Inclusive quando esses estão impossibilitados de se manifestarem plenamente, ou estão atravessados por múltiplas violências, tanto cotidianas, como associadas em estruturas, ações e procedimentos de Estados.

Os desejos são criados e circulam nas cidades encarnados nos corpos, conformando e reverberando dizeres, imagens, como estão petrificados em edificações. Assim como, por serem componentes fundamentais da condição humana, esses podem transitar em assuntos de pequena monta, ou em grandes estruturas. São “pedras” para construções de possibilidades de

democracias, assim como de política, ou, em outra via, são centrais para o aniquilamento dessas condições.

Na perspectiva do desejo, também é viável pensarmos em intenções de cidade: o que abarca desde projetos urbanos e as cidades que esses almejam, até a formação de quadros técnicos específicos e de campos de saber. Nem sempre os desejos na cidade operam e são manifestados de maneira a proporcionarem uma vida plena para a totalidade dos habitantes dessas. Assim como, as condições de manifestação desses não são iguais para todos os sujeitos.

O que podemos supor dos nossos destinos nas cidades? É possível termos esperança de que essas configurem lugares que suportem os desejos de seus habitantes, como soem ser as cidades? Poderiam ser essas consideradas espaços de esperança? Por fim, tal como nos sugeriu Paulo Freire, esperança, posta em verbo e flexionada no neologismo “esperançar”, é potente para ação política; enquanto esperança destituída do seu potencial de ação, de mudança, também se associa a um verbo (esperar). Com o que ficamos, então, com a espera, ou com a ação?

## **ESPERANÇA NA CIDADE, ENTRE O BÊBADO E A EQUILIBRISTA. NOTAS DESESPERANÇADAS**

Robert Pechman/ Professor Associado IV IPPUR – UFRJ

No poema “A vida bate” Ferreira Gullar nos conta que é uma clandestina *esperança*, misturada ao sal do mar, que o sustenta, debruçada à janela de seu quarto em Ipanema. O que esperar da cidade? Em outro poema “Pela rua”, o mesmo poeta reclama, “sem qualquer *esperança* te espero, na multidão que vai e vem. Mas que *esperança*! Na cidade de quatro milhões de habitantes... tu és uma só. Sem qualquer *esperança* continuo”. Qual é a promessa da cidade?

Em Aldir Blanc, a “*esperança* equilibrista sabe que o show de todo artista tem que continuar”. Na Mangueira, Cartola segredou: “bate outra vez de *esperanças* o meu coração”, ao que Drummond assacou: “como viver o mundo em termos de *esperança*? E que palavra é essa que a vida não alcança”. “Em “Caminhando” Geraldo Vandré se contrapõe à espera e rugiu: esperar não é saber, quem sabe faz a hora não espera acontecer. Chico Buarque nos conta que Pedro Pedreiro está esperando o trem e que as seis da tarde ela pega e me espera no portão. “Pátria que me pariu, gemeu o Pensador, qual a cara da criança. A cara do perdão ou da vingança. Será a cara do desespero ou da *esperança*”.

Haverá esperança para nossas cidades?

**ESPERANÇA, CIDADE E DEMOCRACIA**

Stephanie Assaf/ Professora Associada Centro Universitário UNA, doutoranda IPPUR – UFRJ

A democracia só foi possível através da/na cidade seja em sua origem, ou em suas flexões modernas. Nesse sentido, as modernas configurações de democracia são ancoradas em sistemas estatais e políticos específicos; assim como, para a população fica a garantia do direito universal ao voto, e da participação ampla em processos eleitorais. Mais do que isso, existem instituições, cargos e funções próprias de organizações e sociedades democráticas. Entretanto, reflito, nesta apresentação, como a democracia pode se vincular à cidade, para além das instâncias mencionadas, mas, principalmente na esfera do cotidiano, e entre as interações humanas.

Sendo a(s) democracia(s), tal como sugeriu Jacques Rancière, uma conjugação da política; pensemos ainda nas possibilidades de ação política nas cidades, não somente em momentos, conjunturas específicas e em espaços institucionais. A política e a democracia também pressupõem a participação igualitária dos cidadãos na vida pública, objetivando a construção de melhores possibilidades, de uma vida plena, e de laços compartilhados. Logo, fica nítida tanto a necessidade de operação do desejo, quanto da esperança como fundamentais para sua existência/manutenção. Por fim, além do trinômio: democracia, cidade e esperança, investigaremos o papel das utopias nesse enlace, especialmente enquanto possibilidade de serem fundamentais para renovação dessas instâncias.

**HABITAR CIDADES:  
COMO A AÇÃO URBANÍSTICA ENTREMEIA NOSSO COTIDIANO E O QUE  
LHE ESCAPA?**

Stella Bresciani/ Professora Titular, Professora Emérita IFCH – Univesidade Estadual de Campinas

O que é habitar? Em que medida pertence ao habitar um construir?

Os espaços que percorremos diariamente são "arrumados" pelos lugares, cuja essência se fundamenta nesse tipo de coisa que chamamos de coisas construídas. (...)

Enquanto não pensarmos que todo construir é em si mesmo um habitar, não poderemos nem uma só vez questionar de maneira suficiente e muito menos decidir de modo apropriado o que o construir de construções é em seu vigor de essência. Não habitamos porque construímos. Ao contrário. Construímos e chegamos a construir à medida que habitamos, ou seja, à medida que somos como aqueles que habitam.

Heidegger. CONSTRUIR, HABITAR, PENSAR (1951)

O quanto as cidades proporcionam um meio ambiente que acolhe os habitantes-cidadãos, proporciona o convívio e os relacionamentos? Se pela partilha das atribuições profissionais, as ações urbanísticas configuram de modo impositivo o ambiente urbano e expõem como seu avesso perverso a cidade excludente e fortemente fragmentada, quais ações têm se mostrado na contramão e percorrido o caminho da afirmação cidadã?

Proponho pensar o habitar São Paulo pela dimensão dos espaços livres, jardins e parques, e espaços reservados à arte, no recorte de áreas de ocupação irregular, denominadas “franjas periféricas”/favelas, e indago qual a atenção dada pelos poderes públicos à implantação e preservação de áreas não edificadas a serem oferecidas à população como espaços livres? Refletir as relações homem – natureza e homem – arte significa avaliar as demandas de áreas para práticas diversas, jardinagem, artísticas, lazer, como espaços de convívio e sociabilidade, daí a indagação: o quanto a ação firme e decisiva dos moradores de área de favelas tem o poder de inverter uma situação desfavorável e restabelecer o habitar, como experiência e afirmação de cidadania?

### **DIREITO À CIDADE PARA QUEM? CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESPAÇO URBANO E SUAS HOSTILIDADES.**

Eliana Kuster/ Professora Titular Instituto Federal do Espírito Santo, realiza seu Pós-doutorado no IPPUR – UFRJ

Metade das pessoas que transita todos os dias pelas avenidas das cidades não se sente confortável em fazê-lo. Metade das pessoas que anda todos os dias de ônibus sente medo ao permanecer nos pontos e ao entrar nos veículos. Metade das pessoas que sai de casa de manhã para trabalhar, para levar os filhos à escola ou para estudar não tem certeza sobre quanto de violência vai enfrentar em seu dia. A violência contra a mulher no Brasil se expressa em diversas situações, mas boa parte delas têm como palco as ruas das cidades. São muitos os tipos de violência real e simbólica às quais as mulheres estão expostas na esfera pública. Se uma cidade democrática é aquela que permite a todos terem acesso pleno aos seus espaços, serviços, e a tudo o que ela oferece, o constrangimento que a metade feminina dos seus cidadãos sofre em suas ruas faz com que possamos afirmar sem medo de errar: os seus direitos estão sendo cerceados. Trataremos aqui sobre as assimetrias de gênero no espaço urbano, abordando-as através das representações sociais sobre o feminino que são rotineiramente veiculadas pelos meios de comunicação, músicas, publicidade, cinema, na tentativa de compreender como elas passam a nos compor e a moldar estruturalmente o nosso estar no mundo.